

Atraso econômico mata menos no DF

MARGARETH MARMORI

Diante das filas nos hospitais, do atendimento precário e das denúncias de negligência médica, pode ficar difícil acreditar mas os dados sobre incidência de doenças no Distrito Federal, comparados a informações do resto do País, demonstram que a saúde do brasiliense está boa. Um dado importante sobre a situação privilegiada da população local refere-se à mortalidade infantil. No Brasil ela atinge em torno de 80 crianças com menos de um ano de idade para cada mil nascidas vivas, mas em Brasília esse índice ficou em 25,2 em 1987, sendo o menor do País.

Como em todo o País, os males do aparelho circulatório são os que mais causam mortes mas, ao contrário do que ocorre em boa parte do território nacional, a incidência de doenças infecto-parasitárias tem caído no DF, onde ocupam o sexto lugar. As semelhanças com a situação do resto do País existem também no fato de que aqui as doenças consideradas típicas de países subdesenvolvidos — as infecto-parasitárias — ainda lideram os quadros de notificações, juntamente com as enfermidades características de regiões desenvolvidas.

BOLSÕES DE MISÉRIA

Na opinião da diretora do Departamento de Saúde Pública da Fundação Hospitalar, Roseli Cerqueira de Oliveira, as doenças infecto-parasitárias no DF estão sob controle devido a um eficiente sistema de vigilância epidemiológica. "As ocorrências nessa área não são menores porque os

micróbios não respeitam divisão territorial", diz a médica. Segundo ela, se na região do Entorno houvesse um bom controle da situação, o quadro no DF certamente seria diferente.

Não se pode esquecer também, alerta a diretora, a existência de bolsões de miséria, onde as doenças infecto-parasitárias estão normalmente associadas à desnutrição. Em Planaltina e na Vila Paranoá, duas das áreas mais pobres do DF, por exemplo, as doenças infecto-parasitárias ocupam respectivamente o segundo e o terceiro lugares nas causas de mortes.

Do outro lado do diagnóstico da saúde da população, as doenças crônico-degenerativas (que incluem as relacionadas ao aparelho circulatório e os cânceres) preocupam o Departamento de Saúde Pública, que começa a executar um programa preventivo direcionado à população adulta. Em 1987 e no primeiro semestre de 1988, dados preliminares do departamento indicam que, depois das doenças do aparelho circulatório, os fatores externos são os maiores causadores de óbitos.

Em seguida, em ordem decrescente, vêm as neoplasias (cânce-

res), as doenças do aparelho respiratório, as de origem perinatal e as infecto-parasitárias. Das cinco mil 436 mortes registradas no DF em 1987, 26,2 por cento foram provocadas por doenças do aparelho circulatório e 19,4 por cento por causas externas (acidentes, homicídios, suicídios, afogamentos etc). No primeiro semestre de 1988, a situação foi quase a mesma. Dos dois mil 763 óbitos registrados, 26,1 por cento tiveram motivo nas enfermidades do aparelho circulatório e 20,4 por cento nas causas externas.

Desde 1980, as doenças cardiovasculares lideram as estatísticas mas, proporcionalmente, vêm perdendo terreno para as causas externas, especialmente os acidentes de trânsito. De acordo com Maria Lygia Gama, coordenadora do Subsistema de Mortalidade do departamento, um dado positivo sobre a saúde no DF refere-se à faixa etária das pessoas falecidas. Dos óbitos registrados, 44,9 por cento em 87 e 47,6 no primeiro semestre do ano passado foram de pessoas com 50 anos ou mais. "Quanto mais desenvolvida a região, a tendência é que morram mais velhos do que jovens", comenta.

MORTES POR FAIXAS ETÁRIAS NO DF - Em índices Percentuais

Faixa etária	1987	1º semestre de 1988
Menos de um ano	16,2	14,4
1 a 4 anos	2,5	1,9
5 a 9 anos	1,7	1,9
10 a 19 anos	4,7	4,2
20 a 49 anos	28,7	29,4
50 anos ou mais	44,9	47,6
Idade ignorada	1,1	0,7